



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS VII - GOVERNADOR ANTÔNIO MARIZ
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E SOCIAIS APLICADAS – CCEA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA - PARFOR

CATARINA BRILHANTE GOMES

POSSIBILIDADES DE LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

PATOS, PB
2015

CATARINA BRILHANTE GOMES

POSSIBILIDADES DE LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Estadual da
Paraíba como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciatura Plena
em Pedagogia.

ORIENTADORA: PROFA. MA. LIDIANE RODRIGUES CAMPÊLO DA SILVA

PATOS, PB
2015

UEPB - SIB - Setorial - Campus VII

G633p Gomes, Catarina Brilhante
Possibilidades de leitura e escrita na educação infantil
[manuscrito] / Catarina Brilhante Gomes. - 2015.
43 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura
em Pedagogia - PARFOR) - Centro de Ciências Exatas e Sociais
Aplicadas, Universidade Estadual da Paraíba, 2015.

“Orientação: Prof. Ma. Lidiane Rodrigues Campelo da Silva,
CCEA”.

1. Leitura e escrita. 2. Educação infantil. 3. Consciência
fonológica. 4. Treino fonológico. I. Título.

21. ed. CDD 372.4

CATARINA BRILHANTE GOMES

POSSIBILIDADES DE LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Estadual da
Paraíba como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciatura Plena
em Pedagogia.

Aprovada em: 25/07/2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ma.: Lidiane Rodrigues Campêlo da Silva (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Prof. Ma.: Rosangela de Araujo Medeiros
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Examinador 2
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este estudo a Deus, que sempre se fez presente em minha vida e sempre foi minha fortaleza nos momentos mais difíceis mostrando-se misericordioso como pai e amigo fiel.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Deus, que me deu sabedoria para concluir este trabalho;

Aos meus pais, que sempre me apoiaram e que de uma forma simples, se mostram para mim como grandes sábios, que procuram sempre me conduzir pelos caminhos do bem;

À minha filha, Lara Fernanda, que indiretamente me passou tanta energia positiva e me impulsionou a não desistir;

Aos professores, pelos ensinamentos e troca de experiências, que me foram valiosas na construção de meus conhecimentos. Um dever cumprido;

A orientadora, a professora Prof. Ma.: Lidiane Rodrigues Campêlo da Silva, que com paciência e dedicação ajudou-me a construir este estudo, a ela um agradecimento especial.

Aos meus colegas, pelo companheirismo e porque sempre souberam partilhar comigo os momentos de alegria e de tristeza.

Quando uma pessoa sabe ler bem, não existem fronteiras para ela. Ela pode viajar não apenas para outros países, mas também no passado, no futuro, no mundo da tecnologia, na natureza, no espaço cósmico. Descobrir também o caminho para a porção mais íntima da alma humana, passando a conhecer a si mesma e aos outros. O bom leitor não somente encontra maior prazer nos livros, mas também pode pensar e aprender melhor.

Bambeger

RESUMO

Na Educação Infantil, tanto a leitura quanto a escrita precisam ser trabalhadas de forma lúdica e prazerosa fazendo com que as crianças desde pequenas compreendam a importância e a função social da leitura e da escrita. Este trabalho teve como objetivo geral discutir estratégias metodológicas que estimulam o desenvolvimento da leitura e escrita na Educação Infantil. Como objetivos específicos: analisar o conceito de consciência fonológica, estabelecendo a diferença entre esta e a consciência fonêmica, além de conhecer as orientações legais e acadêmicas para o trabalho pedagógico com a leitura e escrita na Educação Infantil. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa de natureza teórica e empírica, apresentando relato de experiência pedagógica desenvolvida com uma criança de pré-escola. Em linhas gerais observou-se a importância de o professor reconhecer que há possibilidades de crianças menores de seis anos ampliarem suas habilidades de uso da linguagem escrita nas situações de seu cotidiano se estimuladas a vivenciarem situações diversificadas de contato com a escrita. É relevante assim que o docente trabalhe com atividades lúdicas que explorem, por exemplo, rimas e aliterações como músicas populares e parlendas favorecendo o desenvolvimento da consciência fonológica do educando.

Palavras-Chave: Leitura e escrita. Educação infantil. Consciência fonológica. Treino fonológico.

ABSTRACT

In kindergarten, both reading and writing need to be worked in a playful and pleasurable way causing the children from small to understand the importance and the social function of reading and writing. This work aimed to discuss methodological strategies that encourage the development of reading and writing in kindergarten. Specific objectives: to analyze the concept of phonological awareness, establishing the difference between this and phonemic awareness, in addition to knowing the legal and academic guidelines for the pedagogical work with reading and writing in kindergarten. It is a study of qualitative approach of theoretical and empirical nature, with account of pedagogical experience developed with a pre-school child. The importance of the teacher to recognize that there are possibilities of children under six years expand their use of language skills written in situations of their daily lives is encouraged to experiencing different situations contact with writing in general lines was observed. It is important so that teachers work with play activities to explore, for example, rhymes and alliterations as popular songs and rhymes favoring the development of phonological awareness of the student.

Keywords: Reading and writing in kindergarten. Phonological awareness. Phonological training.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2. POSSIBILIDADES DE LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	13
2.1 Memória da alfabetização	13
2.2 Alfabetizar e letrar na educação infantil	15
2.3 Tendências atuais e orientações legais para a leitura e escrita na educação infantil	19
3 AS VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO	22
3.1 O Estágio em Gestão Escolar	24
3.3 O Estágio em Educação Infantil	28
3.2 O Estágio nos anos iniciais do Ensino Fundamental	33
4 METODOLOGIA.....	37
4.1 Análise de experiência pedagógica.....	37
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS.....	43

1 INTRODUÇÃO

A leitura é uma habilidade de suma importância na vida de todo indivíduo, sobretudo em uma sociedade permeada por uma cultura letrada e midiática. O ensino da leitura cabe à escola e ao professor como instituição e profissional cuja responsabilidade é tornar acessível aos alunos o patrimônio de conhecimentos historicamente elaborados e desenvolvidos pela humanidade ao longo dos tempos.

É uma habilidade que favorece o desenvolvimento educacional produz resultados diversos, os quais beneficiarão os educandos por toda a vida. Por meio dessa prática, o indivíduo tem acesso a informação que permite ampliar o conhecimento e a visão que tem do mundo, pode com isso desenvolver o senso crítico e pode exercer melhor a sua cidadania, cobrando que os seus direitos sejam cumpridos.

Na Educação Infantil, tanto a leitura quanto a escrita precisam ser trabalhadas de forma lúdica e prazerosa fazendo com que as crianças desde pequenas compreendam a importância e a função social da leitura e da escrita. Para que ela desenvolva essa relação positiva com essas práticas é importante que ela seja estimulada a perceber os usos reais dessas habilidades em uma perspectiva motivadora.

Assim, os professores dessa etapa da educação podem planejar e criar momentos de aprendizagem dessas práticas, apresentando-as de forma descontraída. Aguçar a criatividade, a fantasia, a imaginação é importante para desenvolver várias habilidades, dentre elas a comparação tão importante para que a criança comece a entender e se apropriar das primeiras noções da língua escrita.

Trabalhando nessa perspectiva, torna-se possível desde cedo, na Educação Infantil, desenvolver nas crianças o interesse pelo uso da linguagem escrita e aprender sobre alguns princípios do sistema de escrita alfabética em uma atmosfera prazerosa e significativa, e isto não se dará por meio de exercícios de treino fonêmico e cópia de letras e sim por meio de alternativas didáticas que explorem jogos, musicalidade e demais exercícios que despertem no educando motivação e interesse em uma perspectiva de letramento no processo de alfabetização.

O interesse em estudar essa temática surgiu da experiência de Estágio em Educação Infantil e como curiosidade de aprofundar-se em estudos que validassem o pensamento de que crianças menores de seis anos são capazes de realizar

atividades significativas de leitura e escrita, aprofundando-se em exercícios de consciência fonológica a fim de aprenderem alguns princípios do sistema de escrita alfabética.

Sem adotar uma perspectiva comumente chamada de “Conteudista” o presente estudo intitulado como: Discutindo possibilidades de leitura e escrita na Educação Infantil, tem por fim tecer considerações sobre leitura e escrita e reflexões do uso destas no processo de alfabetização.

Desse modo, este estudo tem como objetivo discutir estratégias metodológicas que estimulam o desenvolvimento da leitura e escrita na Educação Infantil confrontando informações sobre o conceito de consciência fonológica esclarecendo a diferença entre esta e a consciência fonêmica, assim como conhecer as orientações legais e acadêmicas para o trabalho pedagógico com a leitura e escrita na Educação Infantil.

O trabalho ora apresentado, tem uma abordagem qualitativa de pesquisa porque é movido pela intenção de compreender como a criança na Educação Infantil é capaz de participar de práticas sociais em que a escrita está presente e associar os conhecimentos adquiridos desde o seu início do processo de alfabetização na perspectiva do letramento.

Deste modo, o foco do estudo é o processo percorrido pela criança, especificamente voltando-se para apropriação do sistema de escrita alfabética, que acontece de maneira mais lúdica quando é feita uma reflexão sobre a dimensão sonora das palavras e a possibilidade de encontrar semelhanças e diferenças entre elas, em relação aos sons e a escrita e não apenas em relação aos seus significados, superando assim hipóteses denominadas “realismo nominal” (CARRAHER; REGO, 1981).

O estudo tem natureza empírica (de campo) e bibliográfica. Na fase da pesquisa de campo, relata-se a experiência pedagógica desenvolvida junto a uma estudante da educação infantil ao aplicarmos exercícios afim de sondar suas habilidades no que diz respeito a apropriação dos fonemas que compunham seu nome, da aptidão de diferenciar letras de números e desenhos como também, refletir se através da música que já era de seu domínio oral, a leitura de algumas palavras se tornaria de fácil compreensão. Na fase bibliográfica que fundamenta toda a pesquisa, recorreremos aos estudos de autores a exemplo de: Carraher e Rego (1981), Soares (2005), Ferreiro (1993), Solé (1998), Brandão e Rosa (2011).

Assim, o presente trabalho encontra-se estruturado, além desta introdução, em um segundo capítulo que discute aspectos teóricos sobre o tema abordado e foi assim elaborado: no primeiro momento, abordamos as considerações gerais sobre a Memória da Alfabetização considerando a intensa contribuição de grandes estudiosos da educação a exemplo de Rousseau, Freire, Emília Ferreiro, Teberosky e entre outros que assumiram inúmeros desafios a fim de concretizar estratégias eficazes para a tarefa educativa. Ainda nesse momento, encontra-se enfatizada uma abordagem sobre as funções do letramento na Educação Infantil. Para discutir sobre esses assuntos, nos respaldamos nos estudos de autores como Soares (2005), Ferreiro (1993), Solé (1998) e Brandão e Rosa (2011)

Ainda, neste capítulo, em um segundo momento, o estudo reflete sobre Alfabetizar e Letrar na Educação Infantil enfocando tendências atuais e orientações legais que norteiam e respaldam como se deve trabalhar a leitura de forma equilibrada nesta etapa da educação, desenvolvendo o letramento. Para tanto, chama atenção para a necessidade de se trabalhar por meio de atividades lúdicas, as funções da leitura. A seção aborda um relato de experiência de exercícios realizados com uma aluna da Pré-Escola, tecendo informações sobre o conceito de consciência fonológica esclarecendo a diferença entre esta e a consciência fonêmica.

O terceiro capítulo denominado “As vivências do Estágio Supervisionado” apresenta produção específica das experiências dos Estágios Supervisionados realizados durante a formação. A primeira parte deste capítulo refere-se ao relato das atividades desenvolvidas referentes ao Componente Curricular Estágio Supervisionado I em Gestão Escolar, a segunda aborda informações do Estágio em Educação Infantil e a terceira parte esboça argumentos sobre o Estágio no Ensino Fundamental I. Na sequência, apresentamos a seção da Metodologia: “O Estágio como Pesquisa” que descreve o caminho metodológico do Estágio e seus procedimentos de pesquisa dentro da didática aplicada às crianças da Educação Infantil no que diz respeito às Possibilidades de Leitura e Escrita. As considerações finais são a última parte da seção textual deste trabalho.

2 POSSIBILIDADES DE LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O ambiente escolar deve ser propício a realização de atividades que permitam que as crianças formulem hipóteses, criem histórias, inventem sentidos atestando, assim, o seu protagonismo em relação ao processo de construção de conhecimentos sobre a linguagem escrita estando elas em um período de descobertas.

Entretanto, toda situação de contato com a leitura e escrita será válida desde que à criança estabeleça uma compreensão e que as atividades não sejam de treino fonêmico. Conforme salienta Morais (2006), não se trata de fazer com que as crianças na Educação Infantil reproduzam fonemas isolados e aprendam a juntar fonemas. É sim que se adaptem ao convívio com a musicalidade das palavras encontradas em jogos, parlendas, cantigas e que desenvolvam a consciência fonológica e reflitam sobre rimas, números de sílabas e semelhanças entre as palavras escritas.

2.1 Memória da alfabetização

Partindo do pressuposto de que a educação só pode ser compreendida em determinado contexto histórico paralela às transformações econômicas, sociais e políticas entende-se que a história da alfabetização está dividida em quatro períodos.

O primeiro período teve início na Antiguidade e se estendeu até a Idade Média, etapa em que a soletração ocorreu como processo predominante. O segundo, ocorreu durante os séculos XVI e XVIII sendo marcados pelos métodos sintéticos e analíticos de alfabetização e se estendeu até a década de 1960. Nesse período, Rousseau ganha destaque e torna-se inspiração com métodos pedagógicos universais que encaminham para a fase da pedagogia moderna a partir do século XIX.

O terceiro período iniciou-se em meados da década de 1980 com a divulgação da teoria da Psicogênese da Língua Escrita, ficou marcado pelo questionamento da necessidade de se associar os sinais gráficos da escrita aos sons da fala para se aprender a escrever, práticas até então aceitas como

corretas. Existe ainda o período atual denominado Sociolinguístico que busca integrar a sistematização do ensino para alfabetizar letrando, conforme pode-se ver no quadro abaixo houve muitos estudos voltados para a questão da alfabetização e vários métodos foram sendo estudados ao longo do tempo.

Sinopse das fases dos métodos MÉTODOS

FASES	Soletração	Fônico	Silábico	Palavração	Sentenciação	Contos e da experiência infantil
1ª. fase	Alfabeto: Letra, nome e forma	Letras: som e forma	Letras: consoantes e vogais	Palavras	Sentenças	Conto ou texto
2ª. fase	Sílaba	Sílabas	Sílabas	Sílabas	Palavras	Sentenças
3ª. fase	Palavras	Palavras	Palavras	Letras	Sílabas	Palavras
4ª. fase	Sentenças	Sentenças	Sentenças	Sentenças	Letras	Sílabas
5ª. fase	Contos ou textos	Contos ou textos	Contos ou textos	Contos ou textos	Contos ou textos	Letras

Fonte: MENDONÇA, O. S. **Conteúdo e didática da alfabetização.** Presidente Prudent, Faculdade de Ciências e Tecnologia – Departamento de Educação UNESP

Voltando-se para a memória da alfabetização, é importante destacar o empenho do célebre educador Paulo Freire em tentar desenvolver uma prática que tivesse eficácia no processo de alfabetização. Ele ganhou destaque ao utilizar métodos que partiam do diálogo e conscientização diferenciando-se dos demais quando em seus dois primeiros passos “codificação” e “descodificação” busca transformar a consciência crítica por meio da leitura do mundo enquanto no 3º e 4º passos (Análise, síntese e fixação da leitura e da escrita) desenvolve a consciência silábica e alfabética levando os alunos ao domínio das correspondências entre grafemas e fonemas.

Entendemos portanto, que para entender o processo de Alfabetização é preciso compreender o processo histórico de surgimento de novos meios de comunicação, das formas não-verbais à verbalização e a escrita, da evolução do nível simbólico ao gráfico e das formas de organização da escrita passando pela imprensa tipográfica até os avanços produzidos pelas novas tecnologias da comunicação e informação. Compreender esse processo de evolução é importante porque, ao tratar do processo de alfabetização vivenciado pela criança

podemos notar mais facilmente que a exemplo desse processo histórico, o experimentado pelo estudante também obedece a fases, não se concretiza do dia para a noite.

2.2 Alfabetizar e letrar na educação infantil

Entendemos, com base nas ideias de Soares (2005) que a alfabetização e o letramento são processos interligados, dependem um do outro, mas não são a mesma coisa. Para essa autora “se uma criança sabe ler, mas não é capaz de ler um livro, uma revista, um jornal, se sabe escrever palavras e frases, mas não é capaz de escrever uma carta, é alfabetizada, mas não é letrada” (SOARES, p.1)

Podemos notar, tomando como base o pensamento da autora que o letramento é um processo, mas longo que o da alfabetização, pois neste é preciso dominar os códigos da língua escrita, enquanto para o primeiro é necessário se apropriar dos usos sociais da língua, compreendendo o que está escrito. Como explica Soares (2005, p 2), “Se uma criança sabe ler, mas não é capaz de ler um livro, uma revista, um jornal, se sabe escrever palavras e frases, mas não é capaz de escrever uma carta, é alfabetizada, mas não é letrada”

É nessa perspectiva do letramento que se tem consciência atualmente que se deve alfabetizar letrando, esta prática vem sendo difundida e incentivada, inclusive pelos documentos oficiais que orientam o trabalho pedagógico nas escolas a exemplo dos parâmetros e diretrizes curriculares. Existem muitas iniciativas e alternativas metodológicas usadas para familiarizar as crianças com a linguagem escrita, como por exemplo: sopa de letrinhas, acessórios, jogos, músicas e tantos outros que as escolas têm tido a iniciativa de usar e mesmo assim muitos educandos estão chegando ao final dos anos iniciais do Ensino Fundamental sem êxito na leitura. Podemos assim dizer que não é simplesmente que as crianças não aprenderam alguns princípios do sistema alfabético, mas muitas vezes, durante todo esse percurso é possível que alguns métodos tenham sido utilizados de forma errônea .

É possível supor que mesmo utilizando alguns recursos e atividades diferenciadas no processo de alfabetização das crianças, muitos professores não

compreendem as teorias ou métodos de alfabetização que estão, de alguma maneira, empregando em sua prática de ensino. Assim, sem haver o entendimento necessário desses métodos, os docentes acabam reproduzindo práticas de ensino similares as que estiveram submetidos em suas experiências escolares e fazem isso inconscientemente sem entender as razões do que fazem e sem nenhum ou pouco embasamento teórico para direcionar suas práticas.

Diante desses fatos, argumenta-se, neste trabalho, a possibilidade de que crianças menores de seis anos possam ampliar suas habilidades de uso da linguagem escrita nas situações de seu cotidiano, se estimuladas a vivenciarem situações diversificadas de contato com a escrita.

Enfatiza-se que atividades que envolvem escrita podem associar-se a tantas outras de natureza: plástica, corporal, musical e de faz de conta. Ferreiro (1993, p. 39) salienta que,

[...] não é obrigatório dar aulas de alfabetização na pré-escola, porém é possível dar múltiplas oportunidades para ver a professora ler e escrever; para explorar semelhanças e diferenças entre textos escritos; para explorar o espaço gráfico e distinguir entre desenho e escrita; para perguntar e ser respondido; para tentar copiar ou construir uma escrita; para manifestar sua curiosidade em compreender essas marcas estranhas que adultos põem nos mais diversos objetos.

Desse modo, não necessariamente, as crianças precisem estar em uma aula em que elas saibam que estão aprendendo a ler e a escrever, elas podem e devem, quanto menores forem, serem submetidas a práticas lúdicas de contato com a língua materna. Assim, brincando as crianças também ingressam na cultura escrita sem tornar tal exercício um fardo, uma experiência considerada por elas como algo chato e enfadonho quando ocorrem dissociadas do contexto social. Porém, sendo estimuladas a produzir e reproduzir falas, histórias e a participarem oralmente em rodas de conversa, aprendem a estruturar textos oralmente e a interagir de modo cada vez mais autônomo por meio da fala, aprendendo a ouvir com atenção e a responder de modo ativo as perguntas que lhes são feitas.

Nesse entendimento, Morais e Albuquerque (2004), afirmam que para alfabetizar letrando faz-se necessário democratizar a vivência de práticas de uso da leitura e escrita e ajudar a criança a reconstruir essa invenção social que é a escrita alfabética. Esses autores reportam-se para a escola em sua

ação pedagógica no sentido de refletir de modo mais profundo sobre aspectos constitutivos de uma prática de alfabetização na perspectiva do letramento

Considerando a perspectiva do letramento a aquisição e o domínio da linguagem vai ocorrendo de forma significativa. Diante desse entendimento é importante criar situações em que as crianças também possam interagir por meio da escrita, sendo levadas a observarem e refletirem no convívio com adultos ou crianças mais experientes, as características dessa linguagem, com o convívio com os mais diversos tipos de textos que circulam na sociedade, entre eles: rótulos, artigos infantis, jogos e tantos outros que são atrativos e estimulantes e nos quais a leitura visual facilita o processo de compreensão da linguagem escrita. Como afirma Solé (1998, p. 28), “Utilizando diferentes estratégias, tais como antecipação de sentidos, formulação e checagem de hipóteses sobre o que estaria escrito no texto, construção de inferências, entre outras, os leitores criam sentidos em interação com os textos”.

Mesmo não sendo capazes ainda de ler fluentemente e com tanta facilidade como se expressam oralmente de forma espontânea, cada criança traz consigo seu conhecimento de mundo. Quando o professor incorpora essas experiências em na sua prática pedagógica, êxitos no trabalho com a escrita na educação infantil são conseguidos mais facilmente.

Para tanto, é preciso que o professor direcione as atividades de modo planejado e sem exigir além das capacidades da criança que tipo de atividade vão realizar e tendo consciência do porquê vão realizá-la, o que, para que e para quem vão escrever. O professor precisa prever e planejar muito bem as situações de aprendizagem com os seus alunos, pois atividades improvisadas não vão fazer com que elas se apropriem sistematicamente dos usos da língua e do processo de alfabetização propriamente dito.

Para concretizar o processo de alfabetização e letramento de forma simultânea, atividades de análise fonológica sobre segmentos sonoros que estão no interior das palavras chamam a atenção da criança sobre sílabas, rimas e fonemas e a correspondência com a escrita, levando-as a encontrar semelhanças e diferenças entre elas em relação aos sons e não apenas aos seus significados. Nesse sentido, recorreremos ao pensamento de Brandão e Rosa (2011, p.27) ao mencionarem sobre a superação das hipóteses denominadas

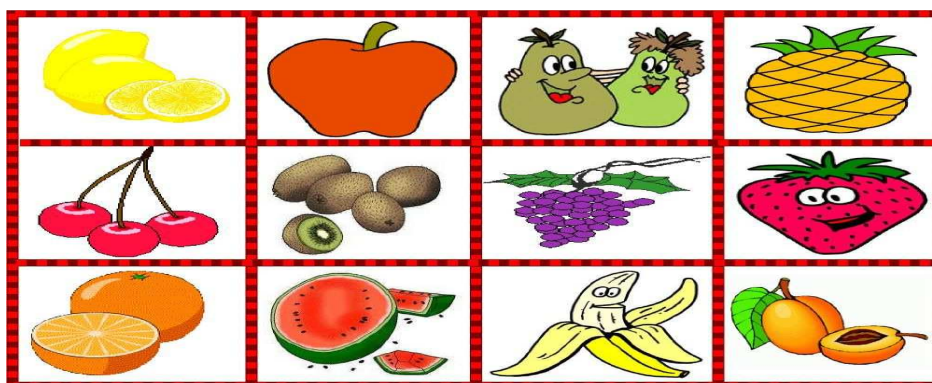
realismo nominal, como uma etapa do processo de aquisição da língua escrita, advertem que esse processo:

Depende da oportunidade de refletir sobre as palavras, as crianças que vivem tais práticas de reflexão podem concluir a etapa da Educação Infantil sabendo que o que se grava no papel tem relação com a sequência de sons das palavras, dando, assim, um passo fundamental no seu processo de alfabetização.

Assim a criança se distanciará da ideia de que tal palavra terá que ter menos letras por representar algo pequeno e que o que for grande precisa ter maior número de letras.

Diante desses argumentos, percebe-se que é possível estimular as crianças a realizarem atividades e jogos de análise fonológica como por exemplo um bingo de imagens, em que as crianças devem encontrar numa cartela com várias figuras, uma cujo nome comece com a mesma sílaba, ou como dizemos a elas com o mesmo “pedacinho” de uma palavra pronunciada pela professora.

BINGO DE FRUTAS



FONTE: <http://alfabetizacaocefaproponteselacerda.blogspot.com.br/2013/01/bingo-tematico.html> [acesso em 04/07/2015 às 21:39]

Também é possível notar que com tal prática, as crianças são levadas a perceber que as semelhanças sonoras entre as palavras, na maior parte das vezes, equivalem as da escrita. Dessa forma, é essencial propor as crianças inúmeras oportunidades significativas para que possam reconhecer letras, aprender os nomes de cada uma e tentar grafá-las, considerando que desde cedo aprendizagens sobre a escrita podem e devem começar na educação infantil e que o letramento deve ser presença constante no dia a dia dos educandos. De acordo com Magda Soares (2009) os pequenos, antes mesmo do ensino

fundamental devem ter acesso tanto a atividades de introdução ao sistema alfabético e suas convenções como também as práticas sociais de uso da leitura e da escrita, portanto, ao letramento.

2.3 Tendências atuais e orientações legais para a leitura e escrita na educação infantil

Desde a educação infantil, é importante que o educando esteja engajado em suas relações e práticas cotidianas com materiais escritos que envolvam a construção de sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzidos a partir dos mais diversos tipos de leitura.

Dessa forma, a construção do conhecimento se dará com base em uma proposta pedagógica voltada para novas tendências que abranjam as diferentes áreas do conhecimento de forma integrada. Uma prática que considere as vivências diluídas no dia a dia das crianças, como fazendo parte de sua aprendizagem da língua, ampliando a perspectiva da mera alfabetização para o letramento, concretizando a proposta de autores como Soares (1990) e Ferreiro(2001) de alfabetizar letrando.

Nesse sentido, as crianças recebem informações sobre a escrita quando brincam com a sonoridade das palavras, reconhecendo semelhanças e diferenças entre os termos ou ao manusearem todo tipo de material escrito como revistas, gibis, livros, fascículos e entre outros, estimuladas, propostas, orientadas e acompanhadas pelo professor quando estão em sala de aula. Vale lembrar, assim, de acordo com o exposto pelas Diretrizes Curriculares Nacionais entendimento do que, para a Educação Infantil, a criança é concebida como:

Sujeito histórico e de direitos que nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura(BRASIL,2010,p.12).

Considerando que ela desde cedo, constrói significados de si mesma, do mundo e da cultura que a cerca, o professor deve favorecer situações de aprendizagem que agucem a atenção das crianças para torná-las atentas as

“coisas escritas” não só na escola, mas fora dela, na sua vidacotidiana. Por sua vez, o trabalho com a linguagem escrita na educação infantil levará em consideração o conhecimento de mundo dos educandos e o anseio de adquirir novos saberes em meio a tantos símbolos e aos complexos sistemas de representação que circulam socialmente, desde um simples convite de aniversário a um livro de histórias infantís.

Crianças que ainda não dominam o sistema de escrita alfabética, tentam dar sentido ao que é manuseado e ao longo do processo de desenvolvimento vão buscando estratégias para demonstrar o interesse pela escrita, criando histórias a partir de textos verbais e visuais e transcrevendo em traçados ou garatujas o que para elas se configura como se fosse a escrita alfabética convencional. Soares (2009, p.35) explicaque:

Nessa convivência, a criança vai elaborando seu conceito de língua escrita, compreendendo as diferentes funções do ler e do escrever, ampliando seu conhecimento de letras e números, aprendendo a fazer distinções quanto a gêneros e portadores de textos.

Não é preciso que a criança compreenda as relações entre fonemas e grafemas para construir sentidos ao escutar a leitura de uma história ou ao elaborar narrativas a partir de um livro de imagens, por exemplo. Ela anseia a compreensão do sistema alfabético que se dará como fruto da interação com a cultura escrita, o que pode ocorrer antes mesmo de ela frequentar instituições de educação infantil. Quando o ambiente familiar e social da criança é propício ao contato com a cultura escrita, é comum ela chegar a escola já tendo iniciado o seu processo de letramento.

Por isso, pensando no pequeno leitor, sobretudo naquele que ainda não se apropriou do sistema de escrita alfabética, as atividades significativas de leitura e escrita em creches e pré-escolas devem permitir a sua imersão no mundo literário em que o livro não seja apenas um objeto para ser contemplado de longe, mas que ele seja tocado, sentido, examinado, desse modo a criança começa a realizar uma espécie de leitura, ainda que não seja inicialmente, a alfabética. E como alternativa para proporcionar experiências positivas no início da alfabetização, o presente estudo discute sobre o trabalho voltado para uma didática que enfoque a consciência fonológica sem assumir uma prática de treino fonêmico. Nessa

perspectiva, entendemos, assim como Freitas (2004) e Moraes (2006), que a “consciência fonológica” não pode ser entendida como sinônimo de “consciência fonêmica”, uma vez que a consciência fonológica é mais abrangente e envolve não apenas a capacidade de analisar e manipular fonemas, mas, também, unidades sonoras como sílabas e rimas.

Dessa forma, quando a criança assume uma postura capaz de refletir conscientemente sobre unidades sonoras da palavra e usá-las de maneira intencional, ela aprende a distinguir os significados das palavras e torna-se capaz de analisar a quantidade de segmentos sonoros (sílabas) e outras características das palavras escritas. Nesse sentido, Moraes (2006, p. 75) esclarece:

Se algumas habilidades de análise fonológica são mais claramente relacionadas à aprendizagem inicial do sistema de escrita alfabética, outras só se desenvolvem após a criança tê-lo dominado e algumas parecem não existir conscientemente mesmo para quem já está alfabetizado.

Assim, atividades lúdicas que exploram por exemplo rimas e aliterações como músicas populares e parlendas favorecem o desenvolvimento da consciência fonológica do educando, pois dispõe de grande recurso lúdico-estético que enfoca a repetição de pedaços sonoros como os destacados desta cantiga popular: borboletiNHA, amareliNHA, fazendo chocolate para a madriNHA. Ressaltamos assim que o trabalho com o desenvolvimento da consciência fonológica desenvolvido desde cedo com as crianças pode trazer ganhos qualitativos significativos para o seu processo de alfabetização. Nesse sentido, pode-se ter informações empíricas de uma experiência pedagógica desenvolvida com uma criança da pré-escola, explorando tais concepções, na seção análise da experiência pedagógica.

3 AS VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

A presente seção deste trabalho irá apresentar reflexões em torno de como o Estágio Supervisionado deve ser planejado e direcionado para que as finalidades de sua exigência sejam cumpridas, bem como as subseções trarão sínteses das experiências de Estágio vivenciadas durante a formação em Pedagogia.

Na prática de ensino é importante que haja por parte do educador uma atenção voltada para a construção do olhar sensível e pensante, que permita enxergar na singularidade de cada educando suas vivências e níveis de aprendizagem (WELFFORT, 1997).

Ver e ouvir implica se dispor a entender o processo de aprendizagem que se dará no dia-a-dia da docência. Questionar, pesquisar, selecionar conteúdos e aplicá-los no cotidiano será uma maneira interativa de envolver o aluno, com questões de seu interesse e que lhes servirão de suporte de conhecimento para toda a vida, enquanto cidadãos críticos e atuantes na sociedade. E questionar, pesquisar, analisar, observar são características necessárias tanto ao professor quanto ao aluno, portanto essas habilidades precisam ser experimentadas, exercitadas.

Para oportunizar essa aquisição é importante que o planejamento das propostas seja norteado por elementos necessários à prática pedagógica: a reflexão, a avaliação e o planejamento, estes pontos se inter cruzam no processo crítico reflexivo de se pensar a realidade.

No início de cada Estágio em creches ou escolas, o estagiário cria seu plano e estrutura seus pontos de observação, o que é importante para assegurá-lo durante esse período, pois estará lecionando para uma turma que não é sua e embora exerça a função do professor, principalmente os alunos o veem como visitante. Essa dinâmica propicia ao estagiário um momento de alargar seus conhecimentos e a capacidade de rever e mudar seus hábitos diante de outras realidades, mesmo muitas vezes já tendo anos de experiência como docente. É um sair da zona de conforto e avaliar pontos positivos e negativos de sua atuação

enquanto docente, pois muitas vezes, ao observar a aula do professor regente o estagiário se avalia, vivencia assim um processo de formação crítico e reflexivo.

Constatando essas questões Weffort (1997 p. 04) aponta que: “Observar uma situação pedagógica não é vigiá-la, mas sim fazer vigília por ela, isto é estar e permanecer acordado por ela na cumplicidade da construção do projeto, na cumplicidade pedagógica”. Diante disso, o ato de observar é relevante pois o professor em formação tem planejada sua observação, tendo parâmetros em torno de como o professor, como profissional da prática pedagógica, deve agir. Assim, ao analisar a prática docente no outro não se tem o mero objetivo de identificar pontos positivos ou negativos, mas de refletir e se colocar do docente se perguntando como eu faria, como eu agiria, seria capaz de propor, de resolver os problemas. Questões como estas devem fazer parte desse processo formativo.

Assim, o apropriar-se do conhecimento seja teórico ou prático e colocá-lo em ação será o principal objetivo do educador que busca a continuidade e aprofundamento deste conhecimento. Trazendo esse pensamento para o mundo do estagiário, este irá direcionar-se à observação para aspectos relevantes aos alunos e precisará analisar e refletir sobre como o estudante aprende, seja de forma individual e/ou coletiva; em que contexto e dinâmica ele aprende melhor, quais as melhores estratégias de socialização e relações precisam ser estabelecidas em torno da aprendizagem dos conteúdos. Estas análises o ajudarão a compor o seu jeito próprio de ser professor.

Percebe-se que é preciso educar o olhar quando se trata de sondar aprendizagem e aprendizes, em grupo ou individual, é necessário estabelecer relações entre semelhanças e diferenças. Conforme Weffort (1997) pode-se assim dizer, que existe uma organicidade entre observação, registro, avaliação e planejamento enquanto instrumentos metodológicos tanto de ensinar como de aprender.

Os Estágios se constituem em uma atividade balizadora para a formação de professores, na qual os alunos têm oportunidade de vivenciar o cotidiano escolar e da sala de aula, refletindo a prática do professor regente, traçando perspectivas que potencializarão o conhecimento do contexto histórico, social, cultural e organizacional da prática docente. Nesse entendimento, Weffort (1997, p. 19) afirma:

O papel do educador é vital como mediador, como 'fazedor' de boas perguntas que instiguem o olhar curioso. Também como criador de vínculos e de um clima pedagógico que permita a expressão também estereotipada, superando o medo do aluno de 'falar bobagem' organizando a subjetividade individual como ampliadora do conhecimento que se constrói no confronto com o outro que faz descobrir o que sabe e o que ainda não sabe.

É interessante notar que no ato de observar o estagiário pode ir constituindo sua análise da prática pedagógica e articulando o seu jeito próprio de conduzir esse olhar curioso e instigar a dúvida e a reflexão. Esse tipo de ação só é possível quando o professor já desenvolveu esse tipo de habilidade tão necessária para bem conduzir aulas e é preciso que essa postura seja incentivada na sua formação.

Nesse sentido, a observação como técnica científica, pressupõe a realização de uma pesquisa com objetivos criteriosamente formulados, planejamento adequado, registro sistemático dos dados, verificação da validade de todo o desenrolar do processo de desenvolvimento desta observação

Assim, será possível o professor em formação, mediante reflexão dos dados e informações coletadas planejar com base nelas o seu processo de intervenção. A regência, propriamente dita, bem preparada e comprometida com o retorno à instituição, professores e alunos que o receberam é uma oportunidade ímpar de aprendizagem e contribuição na prática pedagógica desenvolvida junto aos discentes.

3.1 O Estágio em Gestão Escolar

Uma boa gestão escolar favorece o bom desenvolvimento escolar, mas é preciso lembrar que agir efetivamente e sempre buscar inovações para aplicar no currículo escolar deve ser tarefa atribuída a todos do corpo docente. Dessa forma, é importante que a gestão seja entendida como um processo dinâmico e interativo em que todos busquem superar as dificuldades e limitações do contexto escolar para alcançar as metas e objetivos planejados.

Entretanto, mesmo não sendo membro do corpo docente é importante que todos hajam de forma ativa acrescentando com suas opiniões em reuniões ou assembleias realizadas por líderes representantes da classe. Luck (2006, p.34) admite que:

Assim, os problemas e situações desejadas são apontadas pelo próprio grupo, e não apenas pelo diretor da escola ou sua equipe técnica-pedagógica, gerando dessa forma, um sentimento de autoria e de responsabilidades coletivas pelas ações educacionais, condição fundamental para sua efetividade segundo o espírito democrático e a prática da autonomia.

Não se pode enxergar o diretor escolar como o único detentor de autonomia. Os problemas e demais situações deverão ser expostas a toda equipe pedagógica para que todos sintam-se na responsabilidade de agir e buscar melhorias nas condições educacionais, isso sim, será a forma democrática de expor a autonomia de cada um.

Dessa forma, o processo de análise e compreensão da participação de todos do corpo docente, na gestão escolar só poderá ser bem entendido se houver compromisso por parte de todos a fim de tornar o ambiente escolar um espaço democrático visando enriquecer coletivamente as ideias trazidas para dentro desse ambiente. Ainda segundo Luck (2009,p,83.):

A observação, a análise e compreensão dos processos e das formas de participação constituem-se em condição para que se possa aprimorar esse processo na escola. Como um processo social, apresenta vários desdobramentos e nuances, demandando de todos os participantes e sobretudo de seus líderes, habilidades específicas e atitudes especiais.

Assim é importante que professores e gestores trabalhem no sentido de constituir uma ética e uma política educativa no sentido de criar novas formas de participação dentro da escola, oportunizando a escuta atenciosa, o registro para reflexão e análise e a divulgação do que os alunos e comunidade pensam sobre

as relações na escola e do que se espera socialmente que esta instituição desenvolva.

Esta prática ainda não é muito comum na realidade de muitas escolas, discutir sobre a interação e a relação social para desenvolver ideias associadas ao ensino significativo. Ainda há gestores que promovem ações centralizadoras e burocráticas, criando obstáculos para que se realize um trabalho coletivo; outros se sobrecarregam com inúmeras responsabilidades impostas: recursos para administrar, situações referentes a professores que não desenvolvem bem seu papel e jogam para a direção as dificuldades que encontram com seus alunos e o gestor acabando deixando de lado a devida promoção da gestão democrática.

Partindo dessa perspectiva, Lück (2006, p.76) esclarece que:

As situações apontadas não podem ser mudadas apenas a partir da vontade de dirigentes ou de exortações dos mesmos para que os professores ou pais de alunos participem da construção de uma escola mais ativa e competente, ou do desenvolvimento de algum projeto específico. Os fatos indicam que orientações com tais características não promovem os resultados desejados.

Seguindo esse pensamento é necessário que haja uma participação colaborativa onde pais e corpo docente estejam engajados, não apenas na discussão dos problemas, mas no comprometimento e na busca pelas soluções. Mas é comum ver que até mesmo em torno do debate falta participação, pois em muitos casos, marca-se reuniões com os pais e comunidade, mas poucos aparecem mesmo para apenas dialogar sobre eles, ficando essa lacuna quase sempre sob responsabilidade da escola. Assim, atônitos com tantos problemas, por vezes, gestores e professores se perguntam a quem recorrer diante das dificuldades de aprendizagens de alguns alunos e do comportamento destes, que muitas vezes demonstram valores esquecidos em seus lares, como noções de limite e respeito?

É necessário e oportuno que em momentos de reuniões professores possam dar sua contribuição e se posicionem com relação ao currículo escolar, sem somente esperar que tais iniciativas partam do dirigente. Cabe a cada educador, mediante as situações a ele submetidas desenvolver uma prática sob a

ótica de uma didática que inove e que tenha propósitos definidos e competências para colocá-los em prática.

Dessa forma, a participação de professores, pais e comunidade no ambiente escolar em projetos e reuniões é fundamental sendo que o envolvimento por parte dos pais e comunidade acontecerá de forma limitada, pois há situações em que a necessidade de ação imediata ou específica clama pela autonomia de professores e gestores. Dessa forma, Luck (2006,p.92) enfatiza que:

A confiança e reciprocidade entre os membros de uma equipe constitui condição essencial para o bom funcionamento de uma unidade social de trabalho, caracterizada a partir do desenvolvimento da ética entre os companheiros de trabalho e do espírito de credibilidade. Sem tais condições, o que se tem é um grupo de pessoas que atuam desarticuladamente sem maximizar e integrar seus esforços, portanto, sem serem efetivas na ação educacional.

De outro modo, quando todos se sentem responsáveis pelo bom funcionamento do espaço escolar e convivem de maneira harmônica mobilizando-se em equipe, os objetivos tornam-se mais fáceis de serem realizados, assim tanto gestores como professores deverão estar atentos para possíveis falhas ou desalinhamento de metas para atuarem como profissionais comprometidos com o desenvolvimento geral da instituição educacional.

Com o objetivo de contribuir para a nossa formação docente e o conhecimento de todas as funções que um pedagogo pode desenvolver na escola, foi necessária a realização do Estágio Supervisionado I, em Gestão Escolar. Esta etapa foi desenvolvida na Escola Municipal de Ensino Fundamental Nabor Wanderley da Nóbrega no município de Patos-PB.

A referida escola funciona com Educação Infantil, Ensino Fundamental, Telecurso 2000 e Programa Mais Educação, com monitores nas seguintes oficinas: dança, Informática, Fanfarra, Futsal, Handebol e Matemática, atendendo a um número de alunos bastante significativo.

Uma das significativas dificuldades enfrentadas pela escola é a limitação do espaço físico da escola o que restringe em muito as atividades por ela

desenvolvidas. Para desenvolver projetos pedagógicos diferenciados ou esportes é preciso que a instituição recorra a ajuda de outras instituições, principalmente cedendo espaço para realização destas atividades.

Portanto a escola campo de estágio nos sensibilizou em relação às condições de vida da comunidade, em relação ao aspecto físico, à indisciplina na escola e a carência social das crianças atendidas na instituição. Assim elaboramos e desenvolvemos o Projeto Indisciplina: Carência de Limites e Valores Morais.

O projeto teve como objetivo conscientizar sobre a importância dos valores humanos na família e na escola, estimulando a boa convivência, o respeito e a criação de um clima de paz entre as crianças. Desenvolvemos ações recreativas que possibilitassem o desenvolvimento psicomotor, cognitivo e afetivo, bem como uma melhor aprendizagem das crianças, a partir das brincadeiras realizadas.

Dentre as atividades desenvolvidas destacamos: a apresentação de um vídeo da turma da Mônica intitulado “Boas Maneiras”, música “Palavras mágicas” e dinâmica de grupo explorando as boas maneiras. As ações realizadas pretenderam contribuir para o desenvolvimento da criança, em seus diferentes aspectos: físico, afetivo, social, cognitivo e criativo bem como favoreceram sua participação em atividades de socialização, interagindo com grupos e pessoas diferentes.

3.3 O Estágio em Educação Infantil

Historicamente falando, a educação da criança era considerada bem particular e era somente da família o papel de instruí-la do ponto de vista cultural e, junto aos adultos, elas aprendiam e reproduziam as normas e regras de sua cultura.

Nos séculos XV e XVI foram criados modelos educacionais para superar os desafios estabelecidos pela sociedade europeia, em desenvolvimento, no que se referem ao progresso científico, comercial e artístico ocorridos no período do Renascimento, surgindo concepções sobre a criança e como ela deveria ser educada Segundo Pinto (1997, p. 44).

[...] a infância constitui uma realidade que começa a ganhar contornos a partir dos séculos XVI e XVII. [...] As mudanças de sensibilidade que se começam a verificar a partir do Renascimento tendem a deferir a integração no mundo adulto cada vez mais tarde e, a marcar, com fronteiras bem definidas, o tempo da infância, progressivamente ligado ao conceito da aprendizagem e de escolarização. Importa, no entanto, sublinhar que se tratou de um movimento extremamente lento, inicialmente bastante circunscrito às classes mais abastadas

Neste contexto histórico a imagem da infância mudou, desencadeando uma preocupação da sociedade em estabelecer métodos de educar e escolarizar às crianças. A partir da metade do século XIX, o quadro das instituições destinadas à primeira infância era formado basicamente da creche e do jardim de infância ao lado de outras modalidades educacionais, que foram absorvidas como modelos em diferentes países. No Brasil, por exemplo a creche foi criada exclusivamente com caráter assistencialista, o que diferenciou essa instituição das demais criadas nos países europeus e norte-americanos, que tinham nos seus objetivos o caráter pedagógico.

Outro elemento que contribuiu para o surgimento dessas instituições foram as iniciativas de acolhimento aos órfãos abandonados, o alto índice de mortalidade infantil, a desnutrição generalizada e o número significativo de acidentes domésticos. Aos poucos, alguns setores da sociedade, dentre eles os religiosos, os empresários e educadores começaram a pensar num espaço de cuidados da criança fora do âmbito familiar.

Com o passar do tempo a consciência da particularidade infantil vai se difundindo a partir do momento em que a transformação dos sentimentos do entendimento que a infância é uma fase específica da vida humana com características e sentimentos específicos à etapa e assim passa-se a reconhecer a inserção da criança na sociedade.

Atualmente, pensar em concepção de infância nos remete a refletir sobre os diversos âmbitos que esta questão traz, e a pensar na criança em seu contexto social e educacional. Assim, vale ressaltar a concepção de infância que o Referencial Curricular Nacional para educação infantil traz em suas propostas.

Segundo os RCNs (BRASIL, 2010, p.21):

As crianças possuem uma natureza singular, que as caracterizam como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio, e isto porque, através das interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhe são próximas e com o meio que as circunda, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem as relações contraditórias que presenciam e, por meio das brincadeiras, explicitam as condições de vida a que estão submetidas e seus anseios e desejos.

Desta forma, analisando as concepções dos referenciais vemos que o documento apresenta aspectos de valorização à infância em que a criança é compreendida como alguém atuante, que possui uma cultura, um jeito de ser próprio. Com isto, a prática educativa deve buscar compreender um ensino que alcance esses objetivos e em que se valorize esses aspectos da infância que os Referenciais Curriculares trazem. Isso se torna possível se consideramos a criança como produtora e não como somente produto a ser formada.

Nessa perspectiva, desenvolvemos o Estágio II em Educação Infantil na Creche Municipal Manoel Quinídio Sobral. A instituição permanece com as crianças na escola em turno integral e possui treze (13) professores, sendo todos efetivos. Deste total, onze (11) são graduados em Licenciatura Plena em Pedagogia sendo que 02 (dois) tem apenas o Magistério em nível médio. A diretora possui graduação em Licenciatura Plena em História e uma (01) adjunta cursando o último período de Pedagogia, além de dispor também de uma (01) supervisora. O seu quadro funcional se complementa também com uma (01) merendeira, cinco (05) e um (01) vigilante.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da Creche é um documento bem reduzido e apresenta os seguintes objetivos: melhorar o ensino-aprendizagem desenvolvendo o senso da comunidade escolar, para a convivência harmoniosa com o fim de formar o cidadão consciente no seu papel da sociedade. Outra intencionalidade que merece ser destaca é visar melhorias dos resultados dos alunos nas aprendizagens na leitura e na escrita, respeitando a maturidade e a capacidade infantil.

A sala de aula em que o Estágio foi desenvolvido foi a turma do Maternal-II, cuja professora é formada em pedagogia e tem especialização em Psicopedagogia e exerce a profissão há 5 anos, dos quais 4 são na referida

instituição e conta ainda com uma professora auxiliar para ajudar no trabalho com as crianças. A turma é composta por 24 alunos matriculados e com uma frequência média de 17 a 18 alunos em sala de aula.

No período de observação pode-se notar que a professora regente costuma desenvolver trabalhos voltados para a arte, utilizando a linguagem do desenho, pintura, modelagem e outras atividades lúdicas todos os dias. Realiza tarefas utilizando materiais de colorir tais como lápis e pincéis de tinta em que os alunos apresentam autonomia gradativa no manuseio com esses objetos, desenvolvendo a sua coordenação motora.

Outra prática que compõe a rotina da sala de aula é a contação de histórias que ocorre diariamente e as crianças demonstram envolvimento e interação, oportunidade em que a linguagem oral e gestual é bastante explorada. Outras atividades que compõem o dia a dia desta sala de aula é o trabalho com materiais de encaixe, brincadeiras de roda, atividades com massa de modelar e brincadeiras livres com bolas, bonecas e carrinhos.

Com base nas observações, podemos dizer que o trabalho pedagógico da sala de aula é baseado numa perspectiva de interação e socialização em sala de aula o trabalho realizado em sala, integra o modo dinâmico e lúdico da educação infantil, que visa o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, contemplando a ação da família e da comunidade.

Notou-se que as professoras demonstram segurança no trabalho que fazem e que visavam sempre mostrar ao educando mesmo ainda pequenos questões atitudinais no convívio com os outros, como respeito, compromisso em cumprir os combinados de sala e demais valores que os nortearão para o resto de suas vidas como cidadãos.

De forma resumida, pode-se dizer que a rotina das aulas era iniciada de forma agradável e receptiva, fazia-se uma oração de rotina, cantavam músicas infantil e em seguida são direcionados a fazerem tarefas de exercício manual tais como pinturas, colagens e outras de exercício para o desenvolvimento de habilidades motoras necessárias à escrita. Tinham intervalo para o lanche e recreação e retornando às salas havia contação ou leitura de histórias infantis,

além de tarefas com o uso de brinquedos, vídeos, cartazes e materiais de encaixe.

As professoras demonstraram explorar a linguagem oral e gestual das crianças utilizando literatura infantil, as rodas de conversa, brincadeiras e músicas diversas durante todos os dias da semana e por meio da recontagem das histórias ouvidas pelas crianças. Notamos que as docentes usam movimentos corporais chamando a atenção para que as crianças participem de forma interativa dos momentos e observamos ainda que há vários aspectos que limitam o trabalho desenvolvido pelas professoras, principalmente no que diz respeito a espaço físico, recursos para recreação como parquinho infantil e brinquedoteca.

Tendo como base os aspectos observados e a intencionalidades expressas nos documentos da Creche, elaboramos um projeto de intervenção tendo como foco o objetivo de promover o contato com a leitura de forma lúdica e prazerosa no intuito de desenvolver o gosto e o prazer pela leitura. Utilizamos como norte da literatura infantil a obra de Monteiro Lobato, especialmente às histórias do Sítio do Pica Amarelo.

As principais atividades desenvolvidas foram a contação de histórias, a apresentação de cada personagem explorando suas características físicas e psicológicas, enfatizando o comportamento apresentado por eles. Utilizamos dinâmicas, cantigas de roda, brincadeiras, pinturas e montagens, apresentamos pequenos vídeos e o autor das obras e personagens. Houve a culminância do projeto envolvendo todas as turmas com apresentação de teatro para todas as crianças, bem como cada turma fazia exposição de trabalhos que foram realizados ao longo da semana, tendo a literatura como foco.

O trabalho nos fez ter ainda mais certeza da fundamental importância de continuarmos oferecendo às crianças momentos envolvendo o educar, o cuidar e o brincar, trabalhando a leitura e explorando a linguagem das crianças, promovendo momentos de aprendizagem e também a valorização dos ensinamentos por meio da arte de contar e recontar histórias.

3.2 O Estágio nos anos iniciais do Ensino Fundamental

Toda instituição de ensino tem como principal função instruir e educar, formando cidadãos com conhecimento para agir de forma consciente e crítica na sociedade. Para tal é preciso haver estrutura física, pedagógica, material e organizacional para concretizar os objetivos da escola. Para melhor compreender esse processo educacional é importante conhecer a instituição escolar e as suas atividades educativas e esta atividade é oportunizada pelo Estágio Supervisionado.

A Escola escolhida como campo de Estágio III, nos anos iniciais do Ensino Fundamental foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimunda Melo de Medeiros, localizada em um bairro periférico do município de Patos-PB. A instituição oferece do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, nos turnos manhã e tarde, com horário de funcionamento de 7h às 11h e de 13h às 17h. A instituição de ensino oferta a modalidade regular, nos níveis de Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, além de oportunizar acesso a Programas como o Mais Educação e o Mais Cultura funcionando nos turnos matutino e vespertino.

Cabe destacar pela necessidade climática do município que todas as salas são climatizadas, exceto a diretoria que funciona também como secretaria também.

A instituição conta com uma equipe de dezesseis (16) funcionários, sendo uma (01) gestora que se encontra na sua segunda graduação, uma (01) adjunta que está concluindo o seu nível superior, seis (06) professores, cinco (05) auxiliares de serviços e dois (02) vigias. O professor é um importante sujeito na formação e socialização dos saberes entre os alunos. Desse modo, faz-se necessário profissionais capacitados visando o crescimento e o alcance dos objetivos da escola.

Observou-se que a maioria das professoras da instituição estão cursando formação superior. Pois, quatro (04) estão em processo de conclusão da graduação, uma (01) tem pós-graduação e uma (01) o magistério em nível médio. Cumpre assim destacar a importância de um professor ter uma boa formação acadêmica, visto que isso contribuirá para desenvolver sua profissão, bem como

influenciará na formação educacional de crianças e jovens que estão sob sua responsabilidade.

Após coletar os dados no censo de 2014 e no mesmo período de Estágio Supervisionado sobre a caracterização da população estudantil, a quantidade de alunos vinculados a esta instituição totaliza-se em 93, sendo distribuídos na pré-escola, e do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, funcionando nos turnos manhã e tarde. Sendo o Estágio realizado na turma do 4º ano.

A escola está situada em uma comunidade periférica e parte do alunado está vulnerável ao convívio com as pessoas que vivem à margem da sociedade e convivem com o uso de drogas, jogos e prostituição. Vivem em diferentes estruturas familiares e economicamente sobrevivem dos benefícios dos programas federais e alguns pais são autônomos ou trabalham como empregados no comércio.

Considerável parcela dos estudantes, por estarem inseridos em um meio social onde valores como: regras de convivência, respeito, diálogo e compreensão não são prioridade, há uma grande dificuldade com relação a manter a disciplina e uma boa convivência, pois um grande desafio é combater o bullying e agressões entre os alunos. Estes aspectos foram constatados em diversos momentos no período do Estágio, tanto em sala de aula como nos espaços de circulação e convivência coletiva na escola.

Este fator, em muitos momentos, prejudicaram o andamento das aulas, seja no período de observação ou mesmo durante a regência, em que alunos agrediram verbalmente seus colegas. É preciso pontuar que em grande parte das vezes esse tipo de comportamento acontece pela falta de limites e respeito advindos do convívio familiar. Esse tipo de fato traz mais um desafio a escola de fazer com que os estudantes se respeitem entre si e aos limites colocados pela escola enquanto instituição coletiva ao mesmo tempo em que os professores desenvolvem os conteúdos das disciplinas curriculares.

Um dos principais problemas de conteúdo detectados na sala de aula foi referente ao trabalho com a leitura, pois vários dos alunos têm dificuldade em ler frases e palavras simples. Observamos ainda a postura de descrédito social em relação à leitura, como se esta não fosse uma atividade de extrema importância na sociedade. Pode-se pensar que este tipo de comportamento pode ser

originado da carência de contato com esse meio cultural em suas casas e o pouco hábito de leitura de seus familiares.

Assim, o projeto de intervenção elaborado foi assim intitulado: “Cultivando a Leitura, Plante essa Ideia”, contou com o envolvimento de toda a comunidade escolar composta pelo corpo docente, discente e com a participação da Orientadora de Estágio e alguns membros da comunidade.

O projeto teve como objetivo estimular o hábito da leitura em busca de informações, descobertas e como atividade prazerosa, buscando a interação de todos os envolvidos no processo. Houve ainda, levantando de questões sobre as diversas formas de como se trabalhar a leitura na escola, com a família e a comunidade, bem como a necessidade do saber reconhecer e respeitar a diferença do outro.

Diante dos objetivos do projeto foi realizada a intervenção pedagógica por meio de atividades lúdicas e criativas. A interação com os alunos se deu por meio de dramatização, dinâmica, roda de conversa, debate, vídeos e músicas, visando a participação em momentos de descontração e diversão para todos. Procurou-se mostrar como é possível conviver de forma respeitosa com as diferenças dos outros compartilhando descobertas, compreendendo a importância do respeito ao próximo.

Diante disso, a experiência do projeto de intervenção no Estágio Supervisionado contribuiu para ampliar o interesse pela área escolhida como profissão. Bem como, conhecer o ambiente escolar e sua realidade suscitou pela busca de descobertas e soluções para os diversos problemas enfrentados dentro e fora do ambiente escolar.

A conclusão deste trabalho pôde nos mostrar o quão importante é o Estágio para a realização profissional do docente, pois enriquece muito sua metodologia em sala de aula. A experiência foi significativa tanto para os professores quanto para os alunos, havendo interação positiva entre todos os envolvidos.

O projeto precisa ser contínuo pois a construção da cidadania do indivíduo nas várias etapas de sua vida é constante. Dessa forma, o Estágio é uma maneira de mostrar ao docente como é importante conhecer a comunidade a se trabalhar

e poder dar uma nova dimensão de produtividade e companheirismo para um trabalho pedagógico comprometido com a realidade social dos educandos.

4 METODOLOGIA

O estudo apresentado trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, tendo em vista que pretendeu apreender processos importantes na formação de professores, considerando a etapa de Estágio Supervisionado e a compreensão fonêmica na experiência pedagógica realizada com uma aluna da pré-escola.

Teve o objetivo de analisar as possibilidades de leitura e escrita na Educação Infantil e constitui-se como estudo de natureza bibliográfica e empírica. Foram escolhidos como instrumentos para a coleta de dados a observação dos (as) alunos (as) e de uma professora durante o Estágio Supervisionado em Educação Infantil e Ensino Fundamental, como também observação em sala de aula realizada para observar a relação de uma criança com a relação à consciência fonológica. Aplicou-se atividades com uma aluna afim de levantar dados sobre a relação estabelecida por ela ao se deparar com atividades que contém letras, números e desenhos, analisando se ela já é capaz de distinguir cada um.

Na parte bibliográfica, orientou a análise da temática os estudos de Carraher e Rego (1981) Soares (2005), Ferreiro (1993), Morais e Albuquerque (2004), Solé (1998), Brandão e Rosa (2011).

4.1 Análise de experiência pedagógica

Torna-se satisfatório trabalhar a consciência fonológica com as crianças em vez de meros treinos fonêmicos e memorização das letras do alfabeto, uma vez que promover situações desafiadoras que despertam o interesse de descobrir a lógica da funcionamento da escrita é muito mais instigante do que aplicar atividades repetitivas.

Assim, com o intuito de perceber como a criança se comporta diante de atividades de aquisição de consciência fonológica e construindo suas hipóteses, resolvemos selecionar atividades que propiciassem essa construção e aplicá-los com uma aluna da pré-escola. A estudante tem 05 anos de idade, está matriculada na rede municipal de ensino da cidade de Patos, na E.M.E.F Raimunda Melo de

Medeiros. Esta criança, assim como muitas outras é participativa, e interage muito bem nas dinâmicas de grupo com os outros colegas, é bastante ativa, tem um bom comportamento e atividades bem ilustradas e que tragam rimas chamam a atenção dela em sala de aula.

A primeira atividade selecionada teve o objetivo de sondar se a aluna já era capaz de diferenciar palavras de números e outros tipos de representação, no primeiro momento quando pedi para pintar somente as palavras a mesma disse: “Começam todas do mesmo jeito, não é tia?”, teve uma certa dificuldade para ler os outros nomes, porém o seu nome reconheceu rapidamente. A atividade realizada com a aluna se deu fora da sala em um lugar reservado “secretaria da escola”.



Atividade A

NOME: ANGELA e RAJIEL / K

DATA: _____

ATIVIDADE DE SALA

- ENCONTRE AS PALAVRAS NO QUADRO ABAIXO. DÊ UM COLORIDO NO ESPAÇO EM QUE CADA UMA ESTÁ E A QUE REPRESENTA O SEU NOME ENFEITE COM FLORZINHAS.

ANTÔNIO	8		ANGELA
10		ANIELI	D K e

Na atividade seguinte propus que ela cantasse antes comigo a música “O pato”, perguntei se ela já tinha ouvido antes e ela respondeu que sim “na creche a tia sempre cantava” depois pedi que me acompanhasse na leitura do parágrafo da música e fosse observando se havia palavras repetidas. Percebi que na segunda

leitura ela foi capaz de identificar com facilidade a palavra “pato” que se repete, porém na hora de pintar as palavras a aluna indagou se poderia pintar a palavra (para) da quarta linha. Sugerir que olhasse se essa palavra era escrita do mesmo jeito que as outras, a aluna disse que não, ela terminava com “a” e as demais com “o” logo percebeu que se tratava de outra palavra e desconsiderou, no momento de circular o desenho que rimava com a palavra pato a mesma disse que circularia a tartaruga pois os dois viviam na água, nesse instante eu expliquei que as palavras rimam quando elas se parecem ao pronunciarmos e citei alguns exemplos: “vaca” rima com “faca”, “mão rima com pão” e entre outros exemplos que fizeram a aluna distanciar-se da hipótese de realismo nominal e verdadeiramente poder associar a escrita e a pauta sonora das palavras “pato e gato”.

Atividade B

NOME: ANGELINA JELLY

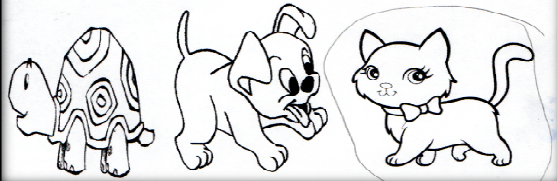
DATA: _____

ATIVIDADE DE SALA

- CANTE E LEIA A MÚSICA “O PATO” E PINTE A PALAVRA QUE SE REPETE.

LÁ VEM O **PATO**
PATO AQUI, **PATO** ACOLÁ
 LÁ VEM O **PATO**
 PARA VER O QUÊ QUE HÁ...
 (VINÍCIUS DE MORAIS)

- AGORA CIRCULE O DESENHO QUE RIMA COM A PALAVRA QUE SE REPETE.



Nestas atividades observamos que a aluna já distingue letras de números e desenhos, como também é possível perceber que já acontece uma apropriação dos fonemas que formam o seu nome e que a aprendizagem se dá de forma

significativa e contextualizada não sendo necessário submetê-la a atividades longas e repetitivas de ensino de todas as letras do alfabeto.

Fica evidenciado, portanto, que embora a criança ainda não saiba ler de forma convencional traz consigo uma bagagem cognitiva implícita que lhe permite utilizar critérios para encontrar as palavras, uma vez que o texto já é de seu domínio oral como acontece na Música “O pato” de Vinícius de Moraes. Os critérios que observamos serem usados por ela foram a leitura pausada acompanhada com os dedos e também o reconhecimento de sílabas e fonemas que compunha as palavras o que permite pressupor que em situações de aprendizagem inicial é interessante utilizar-se de recursos que façam parte do dia a dia da criança a exemplo de tantos DVD’S animados e musicados.

Em síntese, entendemos que na Educação infantil é possível estimular a criança a perceber que há muitas maneiras de captar e expressar sentimentos, conhecimentos e ações: a escrita e a leitura de textos é apenas uma destas. Sobre o trabalho com o treino fonêmico convém lembrar que a simples memorização das letras do alfabeto não terá contribuição suficiente para a compreensão no processo de leitura das palavras. Por sua vez, trabalhar a consciência fonológica das palavras é uma contribuição dos estudos dos Autores Freitas(2004), Moraes(2006) e Ferreiro (1995). E trará como benefícios para o educando a percepção de que escrever é representar progressivamente as partes sonoras das palavras, ainda que não o faça corretamente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos autores consultados e das reflexões feitas sobre as possibilidades de Leitura e Escrita na Educação Infantil notou-se que para alfabetizar e letrar, ao mesmo tempo, faz-se necessário democratizar a vivência de práticas de uso da leitura e escrita e ajudar a criança a reconstruir ativamente essa invenção social que é a escrita alfabética.

Percebe-se que o trabalho com os mais variados tipos de textos no cotidiano escolar permite inovação e estimula o aluno a ser mais participativo nas atividades de leitura e escrita. Então, analisando o atual contexto de profundas transformações no sistema educacional, a escola precisa repensar seus métodos de leitura e escrita em sala de aula e buscar estratégias que procurem enfatizar a contextualização da aprendizagem.

Com isso, observou-se a importância de o professor reconhecer que há possibilidades, de crianças menores de seis anos ampliarem suas habilidades de uso da linguagem escrita nas situações de seu cotidiano se estimuladas a vivenciarem situações diversificadas de contato com a escrita. É relevante assim que o docente trabalhe com atividades lúdicas que explorem, por exemplo, rimas e aliterações como músicas populares e parlendas favorecendo o desenvolvimento da consciência fonológica do educando.

Os professores devem ser leitores assíduos, que propiciem atividades de leitura praticadas de maneira prazerosa, envolvendo os alunos naturalmente sem a necessidade de pressioná-los. Faz-se necessário mostrar que a leitura é um elo facilitador da aprendizagem buscando a curiosidade do aluno para descoberta de um universo encantador, em que a fantasia é a principal fonte de criatividade do indivíduo.

Nesse viés das Possibilidades de Leitura e Escrita na Educação Infantil, compreende-se que o leitor pode relacionar suas vivências adquiridas muito antes do ingresso na instituição escolar, com as pessoas de seu convívio social e familiar. Esse processo será ampliado gradativamente e sistematizado no ambiente escolar propiciando a construção do seu conhecimento.

Assim, o principal valor desse trabalho se constitui em abrir horizontes através de atividades significativas de leitura e escrita em creches e pré-escolas que permitam ao educando a sua imersão no mundo literário de modo que o livro não seja apenas um objeto para ser contemplado de longe, mas que ele seja tocado, sentido, examinado e desse modo a criança começará a realizar uma espécie de leitura, ainda que não seja inicialmente a alfabética.

Com o estudo da temática e o desenvolvimento de experiências do trabalho pedagógico de leitura e escrita com crianças pequenas, crescem nossas expectativas de transformações e buscas constantes de reformulações pedagógicas que priorizem uma prática formadora para o desenvolvimento, em que a leitura deixe de ser vista como uma obrigação a ser cumprida pelo aluno e se torne uma fonte de efetivação de seu conhecimento intelectual que o motivará a participar do processo de desenvolvimento social

REFERÊNCIAS

- BRASIL.Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil/** Secretaria de Educação Básica._Brasilia:MEC, SEB,2010.
- CARRAHE, Terezinha N.: REGO, Lúcia. L.B **O Realismo Nominal como obstáculo na aprendizagem da leitura.**Caderno de pesquisa, São Paulo , v.39, p.3-10, nov.198.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. Estágio Supervisionado na formação docente. In: LISITA, Verbena Moreira S. de S; SOUSA, Luciana Freire E. C. P. (orgs). **Políticas educacionais, práticas escolares e alternativas de inclusão escolar.** Rio de Janeiro: DP & A, 2003. p. 113-135.
- FERREIRO, Emília. **Com todas as letras.** 4ª ed.São Paulo, Cortez, 1993.
_____. **Reflexões Sobre Alfabetização.** São Paulo: Cortez, 2000.
- KLEIMAN, A. B (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.**Campinas:SP, Mercado de Letras, 1995.
- KRAMER, S. **Alfabetização leitura e escrita: formação de professores em curso.** SãoPaulo: Ática, 2001.
- LÜCK, Heloísa. **A gestão participativa na escola.** Petrópolis: Vozes, 2006 (Série: Cadernos de Gestão).
- MORAES. R. et al. **Pesquisa em sala de aula: fundamentos e pressupostos.** In: MORAES, R.; LIMA, V. M. R. (Org.). Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.**6ª ed. Art Med, Porto Alegre, 1998
- WEFFORT, Madalena Freire. **Observação, Registro e Reflexão.** São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.